

PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DOS ESTADOS BRASILEIROS: UMA ANÁLISE PARA O PERÍODO 2000-2010

Marcelo José Braga Nonnenberg*
Luís Berner**

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a evolução da relação entre exportações de produtos manufaturados e produção industrial no Brasil, entre 2000 e 2010. Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), foi calculada a relação entre exportações e produção industrial para esse período por Unidade da Federação. Em linhas gerais, a participação das exportações de produtos manufaturados na produção industrial brasileira pouco se alterou no período, mantendo-se em torno de 20%. Na análise por estados, o quadro que se sobressai é que a grande maioria apresenta maior competitividade externa nos setores mais intensivos em recursos naturais e mão de obra. Ao mesmo tempo, verifica-se uma perda de competitividade das exportações de setores mais intensivos em tecnologia e aumento da participação das exportações nos setores mais intensivos em recursos naturais.

Palavras-chave: exportações; produção industrial; competitividade; estrutura regional.

EXPORTS' PARTICIPATION IN THE INDUSTRIAL PRODUCTION OF BRAZILIAN STATES: A REVIEW FOR THE 2000-2010 PERIOD

ABSTRACTⁱ

This paper aims to analyze the evolution of the relationship between manufactured exports and industrial production in Brazil between 2000 and 2010. Based on data from IBGE and Secex, we calculated the ratio between exports and industrial production for that period by state. In general, the share of manufactured exports in industrial production has changed little over the period, remaining at around 20%. Considering the states' data, the picture that emerges is that the vast majority of them has greater competitiveness in the most resource-intensive and labor-intensive sectors. At the same time, there is a loss of export competitiveness for technology-intensive sectors and an increasing the share of exports in resource-intensive ones.

Keywords: exports; industrial production; competitiveness; regional structure.

JEL: F14; R12.

Boletim de Economia e Política Internacional, 14: 5-14 [2013]

* Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea.

** Bolsista (de economia) da Dinte/Ipea.

i. *The versions in English of the abstracts of this series have not been edited by Ipea's publishing department.*

As versões em língua inglesa das sinopses desta coleção não são objeto de revisão pelo Editorial do Ipea.

1 INTRODUÇÃO

A importância das exportações na produção de cada Unidade da Federação (UF) varia enormemente. Há estados em que as exportações são o principal destino da produção; ao mesmo tempo, em outros, o peso das exportações para a economia local é desprezível. E nos estados onde as exportações assumem participação elevada, em certos casos, ela pode ser concentrada em alguns poucos produtos ou razoavelmente distribuída em vários outros. Há, portanto, uma grande diversidade na importância das exportações em cada estado.

Essa multiplicidade pode ser atribuída a diversos fatores. Um primeiro determinante é a própria estrutura produtiva de cada UF. Há estados que produzem bens em que o país apresenta grandes vantagens comparativas e naturalmente serão grandes exportadores. Em segundo lugar, há diversidade no nível de competitividade de cada UF para a produção de cada bem. A dotação de fatores varia bastante ao longo do território; alguns são abundantes em mão de obra qualificada, outros em minérios, outros em terras férteis, alguns em todos esses fatores. Finalmente, os custos de transporte e armazenamento também podem ter peso significativo na competitividade de cada estado. Assim, mesmo estados que produzem determinado bem a um custo inferior ao de outra UF podem apresentar um preço, no porto de exportação mais próximo, ainda superior ao daquele estado por conta de maiores dificuldades da logística. Em razão dessas dificuldades, alguns estados podem direcionar sua produção preferencialmente para o mercado doméstico.

O objetivo deste artigo é analisar a diversidade da importância das exportações e sua concentração setorial no período recente. A metodologia de construção dos indicadores está exposta na seção 2, ao passo que a seção 3 analisa os resultados. As conclusões são apresentadas na última seção.

2 METODOLOGIA

Os dados de produção por estado, de forma consistente entre si, estão disponíveis apenas para a produção industrial. A Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) dispõe de dados para diversos produtos por estados, porém apresenta metodologia de cálculo diferente da adotada para a produção industrial. Além disso, os dados de produção animal não possuem a mesma qualidade das demais pesquisas. Optou-se, assim, por comparar os dados de exportação apenas com a Pesquisa Industrial Anual (PIA).

Como os dados de exportação são classificados originalmente pela Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) e os dados da PIA pela Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), houve a necessidade de se utilizar um tradutor. Entretanto, a série da PIA até 2007 é apresentada com base na CNAE 1.0 e, daí em diante, pela CNAE 2.0, com grandes diferenças entre si. Além desse problema, os tradutores disponíveis que vinculam as três nomenclaturas o fazem apenas a oito dígitos da NCM e cinco dígitos da CNAE. E os dados da PIA são divulgados apenas a três dígitos para alguns poucos estados e a dois dígitos para a maioria. Uma dificuldade adicional está no fato de os dados da PIA por estados, em muitos casos, estarem ocultos devido a questões de confidencialidade. Nesses casos, os dados de pelo menos dois setores permanecem ocultos. Estas inúmeras dificuldades só foram solucionadas por meio da construção de uma quarta classificação destinada a compatibilizar todos os dados. Isto foi possível apenas às custas de uma agregação maior. A tabela 1 apresenta a classificação utilizada nesta pesquisa.¹

1. Os tradutores utilizados estão disponíveis por consulta aos autores.

TABELA 1
Classificação de setores industriais

Código	Setor
1	Alimentos, bebidas e fumo
2	Têxteis
3	Vestuário
4	Couros e calçados
5	Produtos de madeira
6	Papel e celulose
7	Extrativa mineral, coque e derivados de petróleo
8	Químicos
9	Borracha e plásticos
10	Metalurgia e produtos não metálicos
11	Máquinas e equipamentos
12	Material de transporte
13	Demais

Fontes: NCM e CNAE. Elaboração dos autores.

Os dados das exportações foram levantados pelo sistema Alice do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), e os dados da PIA foram recuperados por meio do Sistema IBGE de Recuperação Automática (Sidra). Os dados de exportação foram convertidos em reais, fundamentados nas taxas médias anuais de compra. Com base nesses dados, foi calculada a relação entre exportações e produção industrial para o período 2000-2010 por UF. Como a produção industrial de Amapá, Roraima e Acre é muito diminuta e o número de empresas nas amostras também é reduzido, os problemas de confidencialidade são muito mais graves e disseminados do que nos demais estados, sobrando poucas informações relevantes. Por essa razão, optou-se por retirar esses três estados do estudo.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Concentração regional

Inicialmente, será examinada a distribuição regional da relação entre exportações e produção industrial para o conjunto dos setores em todos os estados. A tabela 2 apresenta esta relação para todas as UFs selecionadas para os períodos 2000-2002, 2003-2006 e 2007-2010. É possível destacar claramente um conjunto de três estados em que as exportações representam um alto percentual da produção industrial total: Maranhão, Pará e Espírito Santo, com percentuais próximos ou superiores a 50% em todos os períodos. Um segundo grupo de estados apresenta percentuais entre 10% e 50% para quase todos os anos, composto por Alagoas, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Bahia, Rondônia, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Goiás e Ceará. Finalmente, os restantes, onde a participação das exportações, ao menos no último triênio, não ultrapassa os 10%, são Tocantins, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Amazonas, Sergipe, Piauí e Distrito Federal.

TABELA 2

Relação entre exportações e produção industrial

(Em %)

UFs	2000-2002	2003-2006	2007-2010
PA	67,0	67,8	63,3
MA	53,6	51,4	50,0
ES	47,9	53,8	49,0
AL	22,4	30,8	30,1
RJ	11,4	21,5	25,0
MT	27,3	28,4	21,5
MG	19,7	21,4	21,2
MS	17,8	17,6	20,0
RS	21,6	23,5	18,4
BA	17,9	21,7	18,3
BR	18,1	21,3	18,0
RO	15,2	21,0	17,8
SC	22,1	24,0	16,7
PR	21,7	23,7	15,8
SP	15,9	18,6	14,8
GO	9,4	10,7	12,4
CE	15,1	18,1	10,4
TO	1,2	5,2	7,4
PB	8,7	13,4	6,9
PE	7,7	9,4	6,5
RN	12,4	18,1	4,5
AM	10,0	10,0	3,5
SE	3,2	3,8	3,0
PI	9,6	6,5	2,4
DF	0,5	1,6	2,2

Fontes: Alice e PIA. Elaboração dos autores.

Desponta deste quadro que, nos estados mais ricos das regiões Sul e Sudeste, a relação entre exportações e produção industrial situa-se próximo à média nacional, entre 15% e 25%. Já a maioria dos estados mais pobres está situada nos extremos da distribuição, ou com valores muito altos ou muito baixos.²

Chama a atenção também que, com poucas exceções, não há muita variação na participação das exportações na produção industrial entre os períodos observados. As quedas mais drásticas são verificadas no Amazonas e Rio Grande do Norte, que passam, respectivamente, de 10% para 3,5% e de 12,4% para 4,5% entre o primeiro e o último período. Essa relativa estabilidade sugere que as vantagens comparativas de cada UF são dadas, em grande parte, por fatores que pouco ou nada variaram nesses onze anos, como os recursos naturais e o nível de qualificação de mão de obra. Quando se analisarem os setores, esse quadro ficará mais nítido.

2. O Distrito Federal, pelas suas características especiais e pelo seu tamanho, quase não exporta.

3.2 Setores e estados

A etapa seguinte consiste em identificar a relação entre exportações e produção por setor e por estado. As tabelas 3, 4 e 5, que aparecem ao final do artigo, apresentam a relação entre exportações e produção industrial para todas as UFs (à exceção de Amapá, Roraima e Acre) pelos setores industriais descritos anteriormente, para os mesmos períodos.

Antes de prosseguir, cabe uma observação. A princípio, a relação entre exportação e produção deve ser inferior a 100%, uma vez que só pode ser exportado aquilo que foi produzido – descartada a possibilidade de reexportações em valor significativo. Claro que a exportação de um determinado ano pode incluir variação de estoques e superar 100%, mas isso deve ser esperado em casos relativamente raros, principalmente quando se considera um período de três ou quatro anos, como feito aqui. Entretanto, em que pese todo o rigor com que os dados foram trabalhados, em algumas situações, observam-se valores superiores a 100%. Nesses casos, tanto os dados de exportação quanto os de produção foram verificados novamente e constatou-se estarem corretos. Assim, optou-se por manter os dados, na ausência de uma explicação plausível para a aparente discrepância. Razões para isso podem ser erros de classificação setorial tanto nos dados de exportação quanto nos de produção, bem como informações equivocadas quanto à origem (UF) das exportações.

As primeiras colunas das tabelas 3, 4 e 5 mostram os dados para o conjunto do Brasil. É possível detectar algumas constantes e algumas alterações dignas de nota. Em primeiro lugar, verifica-se que, para todos os períodos, os setores mais competitivos, isto é, os que exportam maior percentual de sua produção, são aqueles mais intensivos em recursos naturais: Couros e calçados, Madeira e Papel e celulose, apesar da forte queda da relação no setor de Madeira. A Extrativa mineral (que inclui os derivados de petróleo) aumenta sua competitividade fortemente ao longo desses anos, com a relação média passando de 19% no primeiro período para 31% no último. Entre os setores de maior intensidade tecnológica, em termos relativos, o de Material de transporte, que chegou a apresentar uma relação de 25% no primeiro período, vê essa participação cair para apenas 15,6% no final, ao mesmo tempo que a Metalurgia e não metálicos cai de 23,6% para 17,3% e Material de transporte sofre queda de 25,1% para 15,6%. Esses dados sugerem que a nossa competitividade é cada vez maior nos setores de menor intensidade tecnológica e cada vez menor onde é maior a importância do conhecimento.

Em seguida, analisa-se a situação dos estados por setores. Entre os três estados com maior vocação exportadora, de acordo com os dados apresentados, é possível verificar que o Pará apresenta uma situação mais diversificada, com percentuais elevados em vários setores, como Couros e calçados, Madeira, Papel e celulose, Extrativa mineral, Químicos, Metalurgia e Máquinas e equipamentos (à exceção do segundo período). Trata-se, portanto, de um estado com grande competitividade externa num grande número de produtos, mesmo naqueles mais intensivos em conhecimento. No caso de Máquinas e equipamentos, a alta relação decorre de valores de exportação anormalmente elevados em 2000 e 2007, que distorcem a comparação. O Maranhão tem uma estrutura menos diversificada, com forte concentração em Metalurgia, Extrativa mineral (exceto no primeiro subperíodo) e Madeira, enquanto o Espírito Santo concentra suas exportações nos setores de Papel e celulose, Extrativa e Metalurgia.

São Paulo apresenta uma estrutura razoavelmente diversificada, com percentuais situados entre cerca de 10% e 30% para a maior parte dos setores. De fato, este estado é fortemente competitivo tanto em produtos intensivos em recursos naturais quanto em tecnologia. A estrutura praticamente não se altera ao longo do período analisado.

TABELA 3
Relação entre exportações e produção industrial, por setores e estados (média 2000-2002)

	BR	AL	AM	BA	CE	DF	ES	GO	MA	MT	MS	MG	
2000-2002													
Total	18,15	22,36	9,98	17,92	15,11	0,49	47,93	9,36	53,58	27,34	17,75	19,69	
1 Alimentos, bebidas e fumo	19,05	34,71	19,78	16,90	21,46	0,09	7,97	9,50	0,98	33,21	18,51	4,99	
2 Têxteis	10,62	0,40	0,05	16,82	17,93	5,53	9,25	1,09	0,00	0,14	0,20	8,35	
3 Vestuário	5,82	0,48	0,02	2,25	2,42	3,36	0,40	0,28	0,73	0,10	0,11	1,29	
4 Couros e calçados	23,35	0,03	-	20,11	17,42	0,73	3,90	20,63	12,60	19,23	22,87	23,22	
5 Produtos de madeira	46,59	0,99	61,08	12,11	2,02	0,03	5,62	2,63	26,34	38,52	49,11	4,94	
6 Papel e celulose	22,05	0,00	0,37	53,69	0,03	0,02	69,05	0,07	2,27	0,60	0,01	48,93	
7 Extrativa mineral	19,59	19,39	2,23	17,84	3,59	0,60	51,92	10,13	1,79	4,47	18,87	49,44	
8 Químicos e farmacêuticos	9,66	6,48	5,72	14,91	0,43	0,11	2,60	0,65	13,13	1,50	10,41	12,15	
9 Borracha e plásticos	8,62	-	0,15	5,33	0,16	0,04	20,89	0,43	0,01	0,19	0,13	6,15	
11 Metalurgia e produtos de metal	23,56	6,08	7,43	25,82	17,39	1,00	65,23	25,11	74,57	1,34	11,71	23,11	
12 Máquinas e equipamentos	18,58	0,36	10,94	5,08	6,48	1,61	2,74	8,89	0,34	3,23	1,67	15,17	
14 Material de transporte	25,13	-	5,98	26,27	6,08	1,97	0,65	1,49	2,18	0,10	0,73	14,34	
15 Demais	6,78	0,07	5,83	6,66	1,19	0,13	1,03	0,08	5,19	1,51	3,47	7,97	
2000-2002													
Total	66,97	8,65	21,73	7,68	9,62	11,39	12,43	21,61	15,24	22,05	15,88	3,24	1,21
1 Alimentos, bebidas e fumo	8,24	4,05	31,78	11,44	8,10	0,62	29,31	26,11	0,78	25,24	20,11	5,99	0,70
2 Têxteis	10,24	20,90	15,97	8,80	0,04	6,73	3,82	14,50	6,47	15,30	7,47	2,66	-
3 Vestuário	0,14	0,44	1,56	16,40	19,63	3,70	26,71	5,52	0,01	11,19	4,26	18,39	0,00
4 Couros e calçados	30,66	5,45	45,68	17,17	20,21	1,48	8,86	23,59	0,03	28,99	27,96	25,07	5,52
5 Produtos de madeira	83,24	0,04	66,76	1,85	0,12	0,30	0,04	35,72	50,26	56,47	11,61	-	0,03
6 Papel e celulose	75,00	0,10	11,14	0,35	-	1,06	0,21	20,89	0,30	15,02	13,60	0,43	-
7 Extrativa mineral	93,95	9,70	1,95	5,72	0,02	76,11	4,92	1,31	3,87	0,88	5,11	-	0,00
8 Químicos e farmacêuticos	46,61	0,04	6,70	3,97	33,80	12,51	6,98	15,48	5,08	9,00	8,05	4,88	-
9 Borracha e plásticos	0,64	0,76	2,17	9,83	0,38	7,51	1,09	8,54	0,43	2,38	10,98	-	-
11 Metalurgia e produtos de metal	72,94	9,05	9,23	2,66	5,72	28,45	0,38	55,28	29,10	18,24	13,71	1,44	5,86
12 Máquinas e equipamentos	70,68	10,03	8,91	14,00	0,05	6,16	1,24	20,65	34,47	23,22	22,28	1,84	658,80
14 Material de transporte	2,41	-	45,15	0,53	-	2,48	-	11,66	-	29,18	29,08	4,50	-
15 Demais	4,78	0,52	5,65	0,09	0,06	4,80	0,88	13,47	0,08	46,05	3,07	0,06	0,00

Fontes: Alice e PIA. Elaboração dos autores.

TABELA 4

Relação entre exportações e produção industrial, por setores e estados (média 2003-2006)

2003-2006		BR	AL	AM	BA	CE	DF	ES	GO	MA	MT	MS	MG	
Total		21,3	30,8	10,0	21,7	18,1	1,6	53,8	10,7	51,4	28,4	17,6	21,4	
1 Alimentos, bebidas e fumo		23,2	39,7	8,1	21,0	22,1	3,2	10,9	13,3	1,0	33,3	17,0	9,2	
2 Têxteis		12,2	0,7	0,1	17,9	24,9	5,7	0,6	2,3	0,1	6,0	0,2	13,7	
3 Vestuário		6,0	2,1	0,0	7,4	4,5	4,4	1,2	0,4	0,4	0,0	0,1	1,7	
4 Couros e calçados		26,6	5,6	-	26,2	25,3	1,2	12,5	39,6	7,4	23,0	58,5	17,3	
5 Produtos de madeira		47,8	6,5	71,7	21,7	6,2	0,0	1,8	1,9	33,8	57,1	57,3	5,7	
6 Papel e celulose		23,1	0,0	0,1	74,0	0,1	0,0	79,0	0,0	7,6	0,3	0,0	49,2	
7 Extrativa mineral		25,8	143,8	1,9	20,3	8,4	1,6	70,8	3,5	72,3	1,4	25,6	40,4	
8 Químicos e farmacêuticos		10,9	10,2	14,7	16,8	0,4	0,1	1,3	2,0	6,6	1,5	4,4	11,0	
9 Borracha e plásticos		9,3	0,1	0,3	8,0	1,5	0,2	5,5	1,4	0,0	1,7	0,2	4,2	
11 Metalurgia e produtos de metal		25,3	6,6	10,0	34,2	26,0	0,3	53,5	17,7	65,4	4,6	11,6	28,3	
12 Máquinas e equipamentos		23,2	1,1	12,3	4,6	7,7	3,2	12,6	1,4	0,1	5,4	2,8	16,6	
14 Material de transporte		24,5	0,1	8,5	27,5	6,4	15,3	0,2	2,0	1,6	1,0	0,6	13,3	
15 Demais														
2003-2006		PA	PB	PR	PE	PI	RJ	RN	RS	RO	SC	SP	SE	TO
Total		67,8	13,4	23,7	9,4	6,5	21,5	18,1	23,5	21,0	24,0	18,6	3,8	5,2
1 Alimentos, bebidas e fumo		9,9	6,7	35,3	10,2	6,4	2,8	36,3	32,3	9,9	29,5	25,7	9,6	6,5
2 Têxteis		2,4	36,3	17,7	14,1	-	13,6	7,0	19,0	6,8	15,0	7,1	4,3	-
3 Vestuário		0,6	0,7	2,7	17,1	15,9	5,6	10,0	9,0	1,2	9,7	5,4	1,0	-
4 Couros e calçados		20,6	9,3	37,9	27,3	20,5	5,5	1,2	25,5	4,6	24,1	33,3	7,1	5,8
5 Produtos de madeira		74,2	1,1	57,7	1,4	-	7,7	2,2	39,1	59,1	57,6	14,6	0,0	0,3
6 Papel e celulose		80,6	1,1	13,1	1,7	0,1	6,0	0,0	25,0	0,1	15,2	13,9	0,0	-
7 Extrativa mineral		94,7	15,4	2,7	46,3	41,3	33,5	19,2	4,8	23,8	1,3	9,6	-	0,2
8 Químicos e farmacêuticos		31,9	0,8	7,4	6,0	13,2	10,9	1,2	16,2	2,7	10,4	9,4	3,8	1,2
9 Borracha e plásticos		2,1	0,7	4,1	10,2	0,1	12,4	7,5	10,0	0,0	2,8	11,9	0,0	0,0
11 Metalurgia e produtos de metal		71,4	9,2	13,9	6,9	0,4	20,7	0,3	39,0	9,2	15,0	15,8	4,1	0,0
12 Máquinas e equipamentos		1,9	2,4	18,3	14,0	0,0	22,3	0,6	29,4	9,7	28,5	27,5	1,4	0,1
14 Material de transporte		8,3	2,3	38,1	0,4	0,0	20,1	0,7	11,9	1,4	28,2	28,3	5,1	0,3
15 Demais		4,7	0,1	7,4	0,5	0,0	4,5	1,0	16,3	0,5	49,4	4,0	0,0	-

Fontes: Alice e PIA. Elaboração dos autores.

TABELA 5
Relação entre exportações e produção industrial, por setores e estados (média 2007-2010)

	BR	AL	AM	BA	CE	DF	ES	GO	MA	MT	MS	MG
2007-2010												
Total	18,0	30,1	3,5	18,3	10,4	2,2	49,0	12,4	50,0	21,5	20,0	21,2
1 Alimentos, bebidas e fumo	19,5	37,3	5,1	12,3	10,9	4,9	9,4	13,9	3,9	25,3	22,5	9,3
2 Têxteis	7,3	0,3	1,2	16,6	12,1	0,5	1,2	0,3	0,0	1,9	2,0	7,9
3 Vestuário	1,7	0,1	0,1	2,2	0,8	0,3	0,4	0,2	-	0,1	0,7	0,7
4 Couros e calçados	28,0	5,9	-	20,2	27,3	2,4	5,8	51,8	7,2	47,9	55,0	10,3
5 Produtos de madeira	27,9	12,2	27,6	7,6	0,8	0,0	0,4	0,4	20,9	29,2	40,0	2,7
6 Papel e celulose	22,0	0,0	0,1	78,5	0,7	0,1	76,9	0,3	-	474,7	43,7	43,7
7 Extrativa mineral	31,4	123,3	0,5	13,9	2,4	0,0	71,7	27,3	86,3	1,8	19,0	53,6
8 Químicos e farmacêuticos	10,4	7,1	8,5	15,9	0,4	0,2	0,7	2,5	2,1	0,9	1,9	11,0
9 Borracha e plásticos	8,4	0,0	0,3	15,0	0,6	0,1	37,3	0,7	0,0	0,1	0,7	4,1
11 Metalurgia e produtos de metal	17,3	5,5	4,9	30,0	4,3	0,0	43,7	15,2	64,1	16,3	8,0	23,3
12 Máquinas e equipamentos	16,8	3,9	4,3	5,3	7,6	2,4	3,9	1,0	2,7	2,0	3,0	13,0
14 Material de transporte	15,6	2,6	3,0	12,8	11,2	1,5	0,2	1,7	0,0	0,1	1,7	10,3
15 Demais	7,1	2,2	2,4	7,6	1,2	0,0	1,7	0,8	0,0	0,9	1,6	7,2
2007-2010												
Total	63,3	6,9	15,8	6,5	2,4	25,0	4,5	18,4	17,8	16,7	14,8	3,0
1 Alimentos, bebidas e fumo	7,5	3,3	26,0	8,7	2,2	1,7	13,4	28,0	17,5	28,0	22,4	7,2
2 Têxteis	0,2	22,8	16,5	4,5	0,0	6,2	6,3	18,0	0,1	5,8	4,5	1,1
3 Vestuário	0,2	0,5	0,5	1,1	0,0	2,5	0,4	6,6	0,2	2,3	1,4	0,0
4 Couros e calçados	29,9	10,4	35,9	18,3	25,8	4,0	0,3	32,6	50,5	16,1	30,9	13,1
5 Produtos de madeira	62,9	0,1	33,2	0,4	-	1,8	0,1	19,1	36,0	40,6	8,7	0,0
6 Papel e celulose	74,7	0,2	12,0	0,4	-	6,8	0,1	14,9	0,4	10,0	12,5	-
7 Extrativa mineral	84,1	4,3	5,2	14,7	7,7	45,0	1,5	9,3	10,1	0,9	9,9	0,0
8 Químicos e farmacêuticos	33,2	0,7	7,8	5,8	9,0	9,7	2,2	17,9	0,6	7,6	9,3	0,8
9 Borracha e plásticos	0,3	0,5	4,3	8,9	-	15,0	5,3	9,2	0,1	2,6	9,5	0,0
11 Metalurgia e produtos de metal	66,0	1,5	6,2	3,5	0,5	10,9	0,1	9,1	4,6	7,1	10,2	6,0
12 Máquinas e equipamentos	39,7	0,7	12,5	9,5	0,0	35,6	0,6	20,8	0,3	22,8	19,9	1,4
14 Material de transporte	15,4	4,2	19,8	0,2	0,1	13,6	0,0	9,7	0,4	18,6	19,4	1,9
15 Demais	2,3	0,1	5,0	1,0	0,0	4,9	0,3	10,6	0,3	26,4	6,0	0,0

Fontes: Alice e PIA. Elaboração dos autores.

Entre os estados da região Sul, nota-se uma razoável diversificação, principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. No primeiro, em especial, observa-se uma alteração profunda da sua estrutura competitiva. A relação no setor de Metalurgia caiu de 55% no primeiro período para apenas 9% no último. Ao mesmo tempo, a participação de Couros e calçados passa de 23% para 32% e a de Madeira cai de 36% para 19%. Mas o percentual para o estado como um todo pouco se altera ao longo dos anos, mantendo-se em torno de 20%. Em Santa Catarina, houve uma pequena redução das exportações relativas, com o total caindo de 22% para 17%, mas mantém uma razoável diversificação, ainda que o percentual do setor de Madeiras seja bem mais elevado do que nos demais setores. Paraná também presenciou uma leve redução da participação de suas exportações, que caíram de 22% para 16% entre o primeiro e o último período, mas apresenta uma estrutura um pouco mais concentrada em Couro e calçados e Madeira, enquanto a participação do setor de Material de transporte caiu de 45% para apenas 20%. Vale mencionar que, mesmo nesses estados, que estão entre os mais desenvolvidos do país e apresentam elevadas taxas de qualificação da mão de obra, a sua competitividade ainda está concentrada em setores altamente intensivos em recursos naturais na maior parte dos casos.

No Nordeste, além do Maranhão, os únicos estados com desempenho acima da média nacional são Alagoas e Bahia. No primeiro caso, suas exportações se concentram basicamente em Alimentos, bebidas e fumo e Extrativa mineral. Nesse caso, parece haver alguma inconsistência nos dados, pois os percentuais são superiores a 100% nos dois últimos períodos. Nos demais estados da região, o que apresenta melhor desempenho é o Ceará, com percentuais totais variando entre 10% e 18% ao longo dos períodos, com grande concentração em Alimentos, bebidas e fumo, Couros e calçados, Têxteis e Metalurgia (este último apenas nos dois primeiros períodos). Nos demais, os percentuais praticamente nunca ultrapassam os 10%.

Rio de Janeiro e Minas Gerais apresentam desempenho superior à média nacional em quase todos os casos. No Rio de Janeiro, a relação entre exportações e produção subiu de 11% para 25% entre o primeiro e o último período. No primeiro período, quase toda a produção destinada à exportação era resultante da Extrativa mineral, principalmente petróleo e derivados. Nos anos seguintes, mesmo com o forte crescimento das exportações, a produção logrou alcançar um aumento ainda maior, levando a relação a cair de 76% no primeiro período para 45% no último. Além deste setor, nos dois últimos períodos se destacaram Borracha e plásticos, Metalurgia, Máquinas e equipamentos e Material de transporte – setores intensivos nos recursos existentes no estado, como aço e mão de obra qualificada.

Minas Gerais vem mantendo uma relação bastante estável, em torno de 20% em todos os períodos. Apesar de possuir competitividade em vários setores, os de Papel e celulose e Extrativa mineral são os dois líderes no estado em todos os anos.

Dos estados da região Centro-Oeste, os dois com maior participação das exportações são Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, com percentuais em torno de 20% nos anos mais recentes. Goiás situa-se abaixo da média nacional, com percentuais inferiores a 10%; e Tocantins exporta menos do que 10% de sua produção industrial. Mato Grosso tem suas exportações concentradas em Alimentos, bebidas e fumo, Couros e calçados e Madeira. No último período, houve um salto nas exportações de Papel e celulose de forma incompatível com o crescimento da produção. Esses números refletem uma exportação extraordinária desses produtos em 2007 e 2008, que não se repetem em outros anos. Mato Grosso do Sul apresenta uma estrutura semelhante, apenas um pouco mais diversificada, com destaque para a Extrativa mineral. Goiás se destaca nos setores de Couros e calçados e Metalurgia, com forte crescimento recente na Extrativa mineral. Em Tocantins, praticamente não há produção destinada à exportação.

Finalmente, nos demais estados da região Norte, Amazonas assistiu a uma queda da sua relação entre exportações e produção, que caiu de cerca de 10% nos dois primeiros períodos para apenas 3,5% no último. Esse declínio está relacionado basicamente com a redução das exportações de Máquinas e equipamentos – que representam cerca de metade das exportações do estado, chegando a 70% em alguns anos – que, após atingir um pico em 2005, caíram sistematicamente a partir de então, principalmente devido à queda das exportações de produtos eletrônicos. Rondônia se destaca com as exportações de Madeira e Extrativa mineral, mas, nos últimos anos, as exportações de Couros e calçados aumentaram fortemente.

4 CONCLUSÕES

Esta seção procurou analisar a evolução da relação entre exportações de produtos manufaturados e produção industrial no período entre 2000 e 2010, último ano com dados disponíveis para a produção industrial. A participação das exportações de produtos manufaturados na produção industrial brasileira pouco se alterou nos anos entre 2000 e 2010, mantendo-se em torno de 20%. Contudo, notam-se algumas alterações na sua estrutura setorial. Se, por um lado, Couros e calçados, Madeira e Papel e celulose mantêm uma participação superior a 20% ao longo de todo o período, a Metalurgia cai de 23,6% no primeiro período e 25% no segundo, para 17% entre 2007 e 2010. Ao mesmo tempo, a participação de Material de transporte, que permaneceu em torno de 25% nos dois primeiros períodos caiu para 15,6% no último e Máquinas e equipamentos, que chegou a atingir 23% no segundo período, viu sua participação declinar para 16,8% no último. Enquanto isso, o setor de Extrativa mineral (que inclui derivados de petróleo) passou de 20% para 31% entre o primeiro e o último período. Isto significa que o país, aparentemente, perdeu competitividade externa nos setores mais intensivos em tecnologia.

Na análise por estados, o quadro que se sobressai é que a grande maioria apresenta maior competitividade externa nos setores mais intensivos em recursos naturais e mão de obra. Esse resultado seria esperado nos estados onde estes são os recursos mais abundantes; entretanto, o que se verifica é que mesmo os estados relativamente mais intensivos em capital e conhecimento, como os da região Sul, apresentam alta relação na maior parte desses setores. Nesses, a participação dos setores mais intensivos em conhecimento é mais alta do que na maioria, porém vem declinando sistematicamente, o que também ocorre em São Paulo. Já no Rio de Janeiro, a participação de Máquinas e equipamentos e Material de transporte se eleva, apesar de cair a de Metalurgia.

Em suma, verifica-se, ao longo do período compreendido entre 2000 e 2010, uma perda de participação da competitividade das exportações de setores mais intensivos em tecnologia e aumento da participação das exportações nos setores mais intensivos em recursos naturais. Mas a distribuição regional da participação das exportações ainda obedece ao princípio da dotação de recursos de cada estado.